

Sérgio

-Então o que te decidiu a desistir, digamos, a rejeitar aquilo, disse Ricardo. “As promessas são sempre muito parecidas. No fundo perguntam-te: como se tornaram importantes aqueles que são importantes?” Eu penso que isso remonta aos tempos em que um antepassado nosso, pelo que dizem parente também do macaco, se voltou para os outros e roncou-lhes: Grrruuunk! Os outros, sei lá porquê, seguiram-no. Pode ter sido isso, é o que me parece. Nós temos a necessidade de não assumir o que fazemos, de dizer que fizemos o que fizemos porque nos limitámos a obedecer. Falo-te de uma espécie de arqui-fonemas, ainda hoje há quem pareça usar isso, quando discursa. “Mas eles, continuou Sérgio, perguntam: «que motivos há para que Sandra seja importante, em vez de Sónia?» É isso que perguntam. Prometeram-me a Revolução Universal, o Paraíso na Terra. Depois há outras fases. Falam de um governo estabelecido por eles, mais nenhum, aquele que será capaz de mudar tudo. E não sou eu quem acredita, somos todos.”

-Mas não tiveste dúvidas, perguntou Ricardo. “Todos as temos e as vamos afastando, dizem-nos que vão reunir um exército, ao princípio pequeno, depois cada vez maior, dizem que esse exército terá apoios internacionais, que se tornará invencível. Também dizem que vão distribuir a riqueza, que não existirão mais pobres e ricos, recompensas abundantes serão dadas aos justos, os outros serão punidos...” -Os justos, queres dizer, aqueles que estão do lado deles, inquiriu Ricardo. “Claro, justo e injusto, bom ou mau, povo ou inimigo do povo, tudo se resume, para eles, a «quem está por nós, ou o contrário.» Fazem-te promessas e ameaças, simultaneamente. Eu perguntei-lhes que queriam de mim.” Sérgio fez uma pausa. “Que queriam”, perguntou-lhe Ricardo. “O que queriam de ti, ou de outro qualquer, a sua adesão, apenas, isso e nada mais. Misturam a ameaça com a lisonja, dizem-te que serias punido se não os seguisses, mas que nunca pensaram nisso, porque já sabiam que os seguirias, acrescentam que a tua inteligência é fundamental para eles, porque tu compreendes o Mundo.” -E então? perguntou Ricardo. “Desisti, desertei para França, não é nada original, foi o que pude arranjar. Hoje não me arrependo, o mal está feito, mas não foi feito por mim. Quando vejo as casas fumegantes, o

desespero do povo, a sua pobreza, penso na África, eternamente condenada a isto. -A quê, insistiu Ricardo. “Ora, não vês? A isto, desde sempre. Entregue aos piores dos homens, desde o vosso tempo até depois, ao “nosso” tempo. A África é o continente dos escravos, maltratados e sem esperança, treinados para matar, muitas vezes desde crianças. Como pensar que tal gente não pilha e viola, como acreditar que eles possam ser a fonte da mudança?” “É verdade, respondeu Ricardo. Tens razão. Afinal Espártaco não mudou coisa nenhuma.”

Carlos Mota